

## TABUS E TEMAS POLÊMICOS – A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL SOB CENSURA

CONTEMPORARY TABOOS AND CONTROVERSIAL THEMES - CHILDREN'S AND YOUNG ADULT LITERATURE UNDER CENSORSHIP

Sílvia de Fátima Pilegi Rodrigues<sup>1</sup>

Renata Junqueira de Souza<sup>2</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste texto é suscitar reflexões em torno da censura de obras literárias voltadas ao público infantil e juvenil que tocam em tabus e temas polêmicos de nossa sociedade. Parte-se da premissa de que a leitura de textos que tematizam conflitos e dramas humanos pode possibilitar aos leitores pensarem sobre suas próprias vidas e experiências e ressignificá-las. Para instaurar o diálogo aqui proposto, indaga-se: é possível ao professor/mediador de leitura não abordar tabus e temas polêmicos no interior das escolas e, mesmo assim, colocar-se como formador de leitores sensíveis, críticos e proficientes? Há literatura infantil inadequada ou inadequação na forma de abordagem dos textos? A análise se apoia nos contos *A triste história de Eredegalda* (BRANT, 2013) e *Pele de Asno* (PERRAULT, 1697/2016) e na Nota Técnica sobre o livro “Enquanto o sono não vem” (CEALE, 2017).

**Palavras-chave:** Leitura; literatura infantil; censura; tabu; conto.

**ABSTRACT:** The purpose of this text is to raise reflections around the censorship of literary books aimed at children and young people who touch on taboos and controversial themes in our society. It is based on the premise that reading texts that deal with human conflicts and dramas can enable readers to think about their own lives and experiences and reframe them. In order to establish the dialogue proposed here, we ask: is it possible for the reading teacher / mediator not to approach taboos and controversial themes within schools and, even so, to place himself as a trainer of sensitive, critical and proficient readers? Is there inadequate children's literature or inadequacy in the way of approaching the texts? The analysis is based on the stories *The sad story of Eredegalda* (BRANT, 2013) and *Pele de Asno* (PERRAULT, 1697/2016) and the Technical Note on the book “While sleep it doesn't come” (CEALE, 2017).

**Keywords:** Reading; children's literature; censorship; taboo; tale.

<sup>1</sup> Doutora em Educação - História, Política, Sociedade - pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pós-doutorado na Universidade Estadual Paulista - UNESP - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Câmpus de Presidente Prudente. Professora Associada IV da Universidade Federal de Mato Grosso, nos cursos de graduação e Pós-graduação.

<sup>2</sup> Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Livre-docente pela mesma Instituição. Atualmente é professor visitante da Universidade do Minho e professor assistente doutor da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

## Introdução

Em geral, o objetivo de formar leitores literários críticos, proficientes, sensíveis, dentre outras adjetivações, é recorrente nos planejamentos e planos escolares. Em nome de tal meta educacional, vemos projetos de leitura sendo desenvolvidos e algumas políticas públicas e programas sendo implementados, dentre esses podemos citar os acervos complementares do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) e o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), que distribuíram obras literárias para estudantes de escolas públicas. É em torno de uma polêmica instaurada a respeito da obra literária *Enquanto o sono não vem* (BRANT, 2013), que compõe o acervo do PNAIC, e sua suposta inadequação temática ao contexto escolar, especificamente para crianças de oito anos de idade, que nos propomos a discutir neste texto. Embora esse episódio tenha ocorrido em 2017, as críticas e polêmicas em torno das temáticas que seriam - ou não - recomendáveis à infância têm recrudescido no Brasil, reflexo principalmente do conservadorismo político que está ganhando mais espaço em nossa sociedade.

Neste sentido, partimos das indagações: é possível não abordar tabus e temas polêmicos no interior das escolas e, mesmo assim, colocarmos-nos como formadores de leitores sensíveis, críticos e proficientes? Há literatura infantil inadequada ou inadequação na forma de abordagem dos textos?

A discussão que propomos se apoiará, principalmente, na mencionada obra de Brant (2013), no conto *Pele de Asno*, de Charles Perrault (1697/2016) e na *Nota Técnica sobre o livro "Enquanto o sono não vem"* (CEALE, 2017).

## 1 Censura de livros infantis: segmentos escolares e gêneros

Os livros infantis brasileiros têm possibilitado a construção de leitores críticos e autônomos. Críticos, pois a eles compete compreender para além do texto literal, fazendo relações com a época histórica em que a obra foi escrita, com o/os autor/es e com as imagens que, muitas vezes, falam mais do que o texto verbal. Autônomos, porque se espera que o leitor tenha liberdade de escolha. Escolher o livro, o gênero textual que aprecia e, até mesmo, decidir ler toda obra de um determinado autor, por gostar de seu estilo, são ações que elevam o sujeito que lê para o "status" de autônomo.

Para tanto, para que alunos do Ensino Fundamental e Médio se desenvolvam enquanto leitores críticos e autônomos algumas condições devem ser garantidas: 1. fácil e irrestrito acesso a textos literários; 2. acervos diversificados tanto nos gêneros, quanto nas temáticas e autores (nacionais e estrangeiros); 3. liberdade e independência para a escolha. Afinal, muitas vezes garantir essas ações dentro de instituições escolares, sejam públicas ou privadas também não é nada fácil, pois nem sempre o que o aluno deseja ler lhe é permitido.

No Brasil, podemos elencar vários episódios proibitivos, que cercearam crianças e jovens ao acesso a algumas obras. É possível nomear tais ocorrências em diferentes segmentos escolares, gêneros literários, bem como aqueles que levantam a censura e trabalham para vetar a aquisição dos textos e o ato de lê-los.

Uma dessas ocorrências foi em 2018 e tratou da crítica feita por uma mãe, na cidade de Recife-PE, ao livro de Ana Maria Machado, *O menino que espiava para dentro*. Segundo o relato da mãe em rede social, o filho lhe perguntou “se era verdade que se ele engasgasse com uma maçã e ficasse sem respirar, ele conseguiria ir até o encontro do seu mundo da imaginação...”. Para ela o livro incitava ao suicídio e, imediatamente, através de um movimento entre pais, houve a censura do livro em livrarias, por haver nele “estimulações perigosas” (DINI, 2018, p. 02). O assunto acabou sendo divulgado por um vereador na Câmara Municipal de Fortaleza, que fez uso de uma sessão ordinária para compartilhar a denúncia sobre o livro de Machado.

No entanto, em *O menino que espiava para dentro*, a autora narra a história de Lucas, um menino com a maior facilidade de sonhar e de imaginar. O protagonista que prestava atenção em tudo, também conseguia se distrair e entrar em um outro universo – mágico, longínquo, distante. Inventava um amigo, Talento ou Tamanco ou Tatá, anda sobre ondas, come a maçã do sono profundo, mora em conchas, voa pelos ares, vê automóveis-leões, bosques de caramelos... Não dava para espiar mais nada, para ver nada, nem na frente nem atrás. Só aquele breu profundo. Ele, de um lado. Do outro, o mundo. “De repente um beijo, um abraço, os olhos se abrindo, a luz brilhando no espaço. – Você é uma princesa? A mãe riu...” (MACHADO, 2008, pp. 27-28).

Em agosto de 2019, um vereador da cidade de Limeira, interior de São Paulo, questionou por meio das redes sociais, a adoção do livro *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga, usado pelas escolas municipais com alunos de 10-11 anos, portanto, séries iniciais do Ensino Fundamental. Em requerimento à secretária municipal de Educação, o político quis saber sobre as atividades realizadas com a obra, bem como se o conteúdo fazia parte daqueles estabelecidos no Plano Municipal de Educação. Segundo ele, o livro trata sobre ideologia de gênero e isso afrontava os princípios morais dos pais dos alunos limeirenses (Câmara Municipal de Limeira, 2019).

Desde o lançamento de *A bolsa amarela*, em 1976, a obra tem sido amplamente comercializada, lida e analisada. Em uma rápida pesquisa no Google Acadêmico, o programa localizou aproximadamente 29.700 resultados (em apenas 0,03 segundos) para o título. Segundo a enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras (2020), Bojunga nesse livro

[...] vale-se da influência da obra de Monteiro Lobato (1882-1948). Ou seja, preserva a subjetividade infantil e os jogos lúdicos da imaginação como contraponto às contradições do mundo adulto. Raquel, uma pré-adolescente, filha temporã de um casal que já tem dois meninos mais velhos, sente-se preterida pela família, centrada nos interesses dos pais e dos irmãos. Sem poder ser feliz na relação com os familiares, a protagonista vê-se às voltas com a impropriedade de suas três “vontades”, objeto de conflito da história. Querer ter nascido garoto e ser grande, suas duas primeiras vontades, traduzem a repressão em que vive. A essas, soma-se uma terceira, a de escrever, derivada do desejo de se comunicar. Tais vontades são abaladas com a bolsa amarela.

Uma das vontades reprimidas de Raquel é ser menino, afinal, em seu dia a dia, com sua família ela vai percebendo que é sempre o homem o último a falar e suas ideias a serem aceitas sem contestação. Bojunga deixa claro, através de Raquel, o seu posicionamento a respeito da desigualdade de gênero. De acordo com Oliveira e Caetano (2017, pp. 35-36)

As três vontades da menina são frutos da realidade rígida em que Raquel vive. Enquanto não pode ser grande, Raquel estranha os adultos e desabafa com seu amigo imaginário. Já que ninguém ali a ouve, ela recorre a André, leitor bondoso. Enquanto não pode ser menino, Raquel inventa personagens masculinos com quem se identifica e reproduz de modo criativo sua própria realidade. Por fim, pela escrita, Raquel se liberta e se reinventa. Guarda tudo na bolsa, que se torna lugar especial. Ao guardar, Raquel não está abafando suas vontades, pelo contrário, põe para fora aquilo que está preso no peito. Sai pela escrita a angústia de se sentir deslocada mesmo estando entre os seus.

Assim, o modo com que a autora expõe a pré-adolescência, sentimentos reprimidos de uma garota e suas vontades imaginárias não pode levar alguém a afirmar que a obra possui valores que divulguem e preguem em favor de uma “ideologia de gênero”. Percebe-se, então, uma leitura enviesada do texto literário, mas um direcionamento político capaz de questionar e colocar *A bolsa amarela* em um rol de obras censuradas na literatura infanto-juvenil.

Esses dois exemplos dizem respeito a livros destinados aos alunos dos anos iniciais, a seguir abordaremos o livro de Luiz Puntel, destinado a adolescentes do Ensino Fundamental II. Trata-se de *Meninos sem pátria*, publicado na década de 1980, na famosa série Vagalume, editada pela Ática e atualmente na 35ª edição e, em entrevista para o jornal *El País* o autor, declarou ter mais de um milhão de exemplares vendidos. Novamente, a censura partiu de um grupo de pais que se revoltou com a indicação do livro para alunos do sexto ano do colégio carioca Santo Agostinho, no Leblon, por suposta “doutrinação comunista”. Depois da queixa, os gestores da escola decidiram suspender a leitura. Diferente dos outros casos, esse levou à retirada da obra da lista de leitura, mas também uma outra parte de pais e alunos a protestarem contra a censura por meio de abaixo assinado e manifestações na porta do colégio. (PUNTEL, 2018)

Nessa mesma entrevista, Luiz Puntel disse estranhar a atitude da escola e a ignorância dos pais, afinal o livro foi inspirado na história do jornalista José Maria Rabelo, que, perseguido pela ditadura militar, foi obrigado a se exilar do país com esposa e sete filhos por 16 anos.

Por fim, a escritora gaúcha Luisa Geisler teve sua participação em uma feira literária cancelada porque seu livro *Enfim, capivaras* foi considerado contendo linguagem inapropriado para adolescentes. Em entrevista para O Globo a autora afirmou que o livro chegou a ser comprado pela prefeitura de Nova Hartz (RS) e que ela foi convidada para conversar sobre a obra com alunos entre 11 e 15 anos. *Enfim, capivaras* tem como cenário uma cidade do interior e explora, por meio de pontos de vista diferentes, os relacionamentos de um grupo de jovens, discutindo diferenças sociais, autodescoberta e amizade. A linguagem utilizada pela autora é bastante próxima aos adolescentes e é ela quem alega: "existem palavrões, antes de existirem livros com palavrões". (GEISLER, 2019)

Nos quatro exemplos, evidenciados neste item, podemos dizer que a censura continua sendo propagada na voz de políticos, pais e gestores escolares que muitas vezes não conseguem ler para além das linhas.

Nessa perspectiva teórica, Vergueiro (1897, p. 22) define censura como "[...] um esforço por parte de um governo, organização, grupo ou indivíduo de evitar que as pessoas leiam, vejam, ou ouçam o que pode ser considerado perigoso ao governo ou prejudicial à moralidade pública." Milton (1999, p. 117) ao discutir e defender a liberdade de imprensa analisa alguns argumentos contrários à censura. Um deles diz respeito ao desprezo que as autoridades teriam

pelos governados, ou seja, o censor/autoridade aquele que julga o nascimento ou a morte dos livros - "um homem de qualidades incomuns, ao mesmo tempo estudioso, culto e judicioso".

Desse modo, não nos parece que os censores tenham tais adjetivos. No entanto, há algo em comum nas quatro ações: uma censura como ato de repreensão, como uma ditadura em que o mais forte impõe o arbítrio da força e da covardia perante o mais fraco. Lembramos Oliveira (2010), cujas investigações mostram instituições escolares filtrando textos e cerceando a consciência crítica daquele que lê.

O ato de ler, nestas circunstâncias, é considerado perigoso, porque, além da fruição do texto, o pequeno leitor adquire o conhecimento sobre a realidade, o poder de conhecer o real por meio do imaginário. Práticas mediadoras como esta, nas quais as leituras prescritas pela escola, ao impor o ajustamento da criança ao universo restrito de textos e paulatinamente domesticar o leitor em formação, podem impedir, após anos de escolaridade, o desenvolvimento de competências para fazer escolhas pessoais de leitura significativas. (OLIVEIRA, 2010, p. 49)

Ao concordarmos com a citação, podemos dizer que muito desse leitor crítico dependerá aquele que vai mediar a discussão do texto, pois esse debate não pode ser feito somente do texto, mas o mediador tem que formar o leitor para levar em consideração, suas vivências sobre o tema, o momento histórico da produção textual, a biografia dos autores, o contexto de leitura e, principalmente, todo histórico de produção da obra. Assim, não podemos proteger os leitores afinal, segundo ALA (2004) "a liberdade de ler é essencial para nossa democracia".

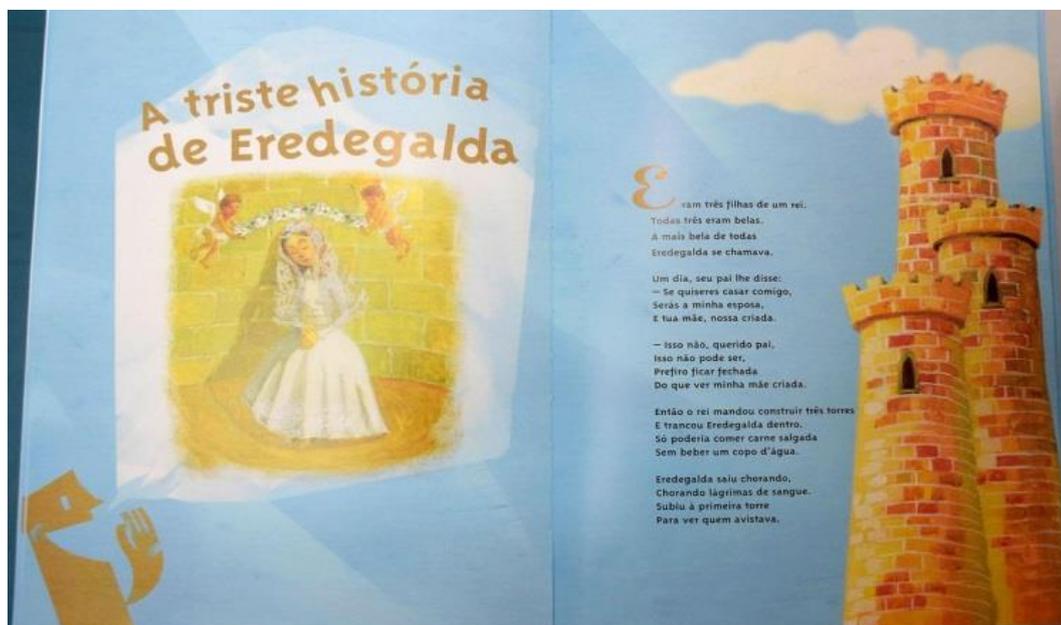
## 2 Contos e temas polêmicos – é possível discuti-los no interior das escolas?

A perspectiva de que há uma literatura recomendável à infância com base no argumento de protegê-la contra o que seriam “más influências” é partilhada por muitos e não é recente. Ilustramos essa afirmação com um trecho de Fernando Rodrigues de Oliveira, citando o *Curso de literatura infantil*, de Aldo de Assis Dias (1958), que assim expõe sobre a Lei da Imprensa (nº. 2.083, de 12 de novembro de 1953) e a influência da “má literatura”:

Nesse capítulo, intitulado “Influência da má literatura na infância e juventude”, Dias (1958), então Juiz de Menores, entende que a leitura é uma das mais poderosas formas de “aprimoramento” e “elevação” da personalidade e nível cultural dos seres humanos. Por isso, “[...] quando mal orientada, a leitura pode contribuir e favorecer a degradação da personalidade, principalmente quando ainda em formação” (Dias, 1958, p.83). Por essa razão, defende que a “má” literatura infantil, entendida como as publicações que ferem a moral e os bons costumes, precisa ser combatida com toda força e energia, para que se possa “preservar a alma” das crianças. (OLIVEIRA, 2015, p. 160)

Recentemente, em nome dessa mesma “preservação da moral e dos bons costumes”, assistimos a ações de censura e combate à “má literatura”. Refiro-me à polêmica em torno da narrativa em versos: *A triste história de Eredegalda*, que integra a obra *Enquanto o sono não vem*, de José Mauro Brant (2013, pp. 26-29).

Figura 1 – Trecho de *A triste história de Eredegalda*



Fonte: Brant (2013, pp. 26-27)

O Ministério da Educação (MEC), por meio da Assessoria de Comunicação Social, divulgou nota com o seguinte “esclarecimento”:

Com base em parecer técnico da Secretaria de Educação Básica (SEB), o ministro da Educação, Mendonça Filho, decidiu recolher os 93 mil exemplares do livro *Enquanto o sono não vem* distribuídos pelo Programa de Alfabetização na Idade Certa (Pnaic) para alunos de primeiro, segundo e terceiro anos do ensino fundamental das escolas públicas. A decisão do ministro é respaldada em parecer técnico da Secretaria de Educação Básica (SEB), que considera a obra não adequada para as crianças de sete a oito anos do ensino fundamental, pela abordagem do tema incesto. O conto "A triste história de Eredegalda" trata do desejo de um rei em casar com a mais bonita de suas três filhas. Diante da negativa, a menina é castigada e termina morrendo de sede. Selecionada no processo PNLD/Pnaic em 2014, na gestão Dilma Rousseff, o livro foi avaliado e aprovado pelo Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, instituição de notório saber e referência nas áreas de alfabetização e literatura no país.<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=50011>>. Acesso em 14 jul. 2017.

A polêmica em torno da temática da obra fez eco entre diferentes segmentos da sociedade como grupos religiosos (dentro e fora do espaço escolar), representantes políticos, o professorado e a mídia.

Como resposta e esclarecimento sobre essa questão, o Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE/UFMG), por meio das professoras Aparecida Paiva (Coordenadora pedagógica do PNLD-PNAIC) e Isabel Cristina Alves da Silva Frade (Diretora do CEALE), divulgou Nota Técnica na qual argumenta que o fato de

[...] uma obra tematizar incesto, como é o caso de “A triste história de Eredegalda” não quer dizer que faça apologia do incesto, ou seja, não é o tema que aborda, mas a maneira como o faz que deve ser considerado pelo leitor. Nesse sentido, é importante lembrar que temas como estupro, pedofilia, fratricídios, violência, alcoolismo, sequestro e incesto, por exemplo, estão tematicamente presentes até na Bíblia. Além disso, como já apontado em sua óbvia ligação com o conto *Pele de Asno*, de Perrault, trata-se de um tema que há muito se faz presente na literatura infantil, e não deveria causar, portanto, nenhuma surpresa a professores que trabalham com a formação de leitores infantis. O modo atemporal como se constrói a narrativa cria um distanciamento do presente e uma imersão no universo da ficção. Não se pode esquecer que as ilustrações, além do texto, levam para o universo dos contos de fada. Leitores de literatura infantil que já vivenciaram experiências de leitura com narrativas semelhantes entram nesse universo com esta condição: a de leitores de ficção. (CEALE, 2017, p. 3)

O conto *Pele de Asno*, mencionado na Nota Técnica, foi publicado em 1697, na obra *Contos da Mamãe Gansa*, de Charles Perrault. A seguir, apresentamos alguns excertos retirados de *Contos de Charles Perrault* (2016, pp. 77-120).

Em geral, o conto maravilhoso começa com os personagens vivendo uma situação, num tempo e num lugar nem sempre muito bem delimitados. O mesmo acontece em *Pele de Asno*, pois a narrativa inicia apresentando ao leitor a vida de um rei que possuía uma linda esposa, uma linda filha e um belo palácio cheio de riquezas, incluindo um asno mágico.

Um Senhor Asno suas grandes orelhas exhibia.  
[...]  
Tal e tão limpo o formara a Natureza  
Que sujeira jamais ele fazia  
E sim ao sol belos escudos  
E de luíses todo tipo,  
Que se iam sobre a dourada palha recolher  
Todas as manhãs quando ele despertava. (PERRAULT, 2016, p. 83)

Porém, a rainha ficou gravemente enferma e, antes de falecer, fez o rei prometer que só se casaria com uma mulher cuja beleza e qualidades superassem as da esposa.

Figura 2 – Os grandes do reino rogam ao rei que se case novamente



Fonte: Perrault (2016, p. 306). Ilustração de Gustave Doré do conto em prosa *Pele de Asno*

O rei pranteou a morte da esposa e,

Ao fim de alguns meses  
 Quis ele nova escolha fazer;  
 O que coisa fácil não era,  
 Pois era preciso honrar seu juramento,  
 E que a nova esposa  
 Mais atrativos e qualidades tivesse  
 Que a que acabada de enterrar ser. (PERRAULT, 2016, p. 85)

Temos aqui uma motivação que provocará o conflito e todos os outros problemas existentes na narrativa, pois a única mulher a superar a caprichosa rainha em suas qualidades e beleza será a própria filha do casal, por quem o pai se enamora.

A infanta somente era mais bela  
 E alguns doces atrativos tinha  
 Que não possuía a defunta.  
 Notou-o o próprio rei  
 E de um amor extremo ardendo  
 Convenceu-se loucamente  
 De que, por isso, desposá-la ele devia.  
 Até um casuísta achou  
 Que o caso digno de estudo julgou.  
 Mas a jovem princesa triste,  
 De um tal amor ouvir falar,  
 Noite e dia lamentava-se e chorava. (PERRAULT, 2016, p. 87)

Figura 3 – O rei consulta um velho druida



Fonte: Perrault (2016, p. 307). Ilustração de Gustave Doré

A princesa, por sua vez, resolveu se aconselhar com sua fada-madrinha, que a orientou a fazer exigências impossíveis, como condição de aceitar seu pai em casamento: primeiro “Um vestido que da cor do tempo seja”. Sendo atendida, solicitou um segundo vestido que tivesse a cor da lua, o que novamente foi feito sem demora. Quase decidida a aceitar, pois estava maravilhada com as vestes, a fada-madrinha aconselhou-a a pedir um terceiro vestido tão brilhante quanto o sol, no que também foi atendida. Por fim, no quarto e último pedido, colocou como condição receber a pele do asno mágico, que era fonte de ouro do rei. A vontade do rei de se casar com a filha era tamanha que ele não mediu esforços nem consequências em atender a todas as exigências da jovem.

Figura 4 – A princesa se encontra com sua fada-madrinha



Fonte: Perrault (2016, p. 308). Ilustração de Gustave Doré

Não tendo uma alternativa, a fada-madrinha aconselhou sua afilhada a fugir protegida sob a pele do asno. Deu à jovem sua varinha mágica e uma grande arca encantada que a seguiria sob a terra transportando todos os pertences da princesa que, quando quisesse pegar algo da arca, bastaria tocar o solo com a varinha.

Figura 5 – Partida da princesa



Fonte: Perrault (2016, p. 308). Ilustração de Gustave Doré

E assim, disfarçada, a jovem viverá provações e privações, até a resolução dos conflitos e a volta à situação de equilíbrio, como é característico do conto maravilhoso. De forma semelhante a outros contos, até que príncipe e princesa se unam, sacrifícios e desafios são enfrentados. No caso de *Pele de Asno*, cujo nome da princesa não é mencionado no texto, sua identidade e beleza são descobertos após ela provar seu próprio anel, que só se encaixava em seu dedo, apesar de muitas nobres e plebeias terem provado (e se mutilado) na tentativa de desposarem o príncipe.

Mas nenhum príncipe, potentado nenhum,  
 Com tanto brilho aparece  
 Quanto da noiva o pai,  
 Que por ela outrora apaixonado  
 Purificara com o tempo os ardores  
 Que sua alma abrasavam.  
 Dela todo criminoso desejo banira  
 E dessa odiosa chama  
 O pouco que na alma lhe restava  
 Só mais vivo seu amor paternal tornava.  
 Desde que a viu: “Bendito seja o Céu  
 Que me permite revê-la,  
 Querida filha minha”, disse ele e de alegria chorando

Para beijá-la ternamente correu;  
 Sua história feliz quiseram todos conhecer,  
 E o futuro esposo encantado estava de saber  
 Que de um rei tão poderoso genro ia tornar-se. (PERRAULT, 2016, pp. 115-117)

Figura 6 – As bodas dos príncipes



Fonte: Perrault (2016, p. 309). Ilustração de Gustave Doré

O incesto é o tema do conto *Pele de Asno* que, devido aos escrúpulos da filha e aconselhamentos da fada-madrinha, não se concretiza. O conto se encerra com diversos aconselhamentos às jovens, dentre eles:

Ver-se não é difícil  
 Que o fim deste conto é que aprenda uma criança  
 Que mais vale à adversidade mais rude expor-se  
 Que a seu dever faltar; (PERRAULT, 2016, p. 117)

O tabu do incesto, tematizado no conto aqui apresentado, é condenável na maior parte das sociedades, inclusive na nossa. Ao trazer o tema para o conto, em 1697, Perrault permite a abordagem da situação a que muitas crianças e jovens eram (e ainda são) submetidas. Não os abordar – os tabus e temas polêmicos – não significa que eles deixarão de existir.

A literatura possibilita ao leitor, com distanciamento e, simultaneamente, proximidade, vivenciar as experiências das personagens, expressando seus medos, angústias, conflitos e outros sentimentos que, não raro, temos dificuldade em compartilhar, externar, dialogar sobre. Diferentes estudiosos, aqui destacamos Bruno Bettelheim, argumentam sobre a presença (e importância) dos medos e conflitos nos contos de fada:

Os conflitos internos profundos originados em nossos impulsos primitivos e emoções violentas são todos negados em grande parte da literatura infantil moderna, e assim a criança não é ajudada a lidar com eles. Mas a criança está

sujeita a sentimentos desesperados de solidão e isolamento, e com frequência experimenta uma ansiedade mortal. Na maioria das vezes, ela é incapaz de expressar estes sentimentos em palavras, ou só pode fazê-lo indiretamente: medo do escuro, de algum animal, ansiedade acerca de seu corpo. Como cria um desconforto num pai reconhecer estas emoções no seu filho, tende a passar por cima delas, ou diminui estes ditos medos a partir de sua própria ansiedade, acreditando que abrigará os temores infantis. O conto de fadas, em contraste, toma estas ansiedades existenciais e dilemas com muita seriedade e dirige-se diretamente a eles: a necessidade de ser amado e o medo de uma pessoa de não ter valor; o amor pela vida e o medo da morte. (BETTELHEIM, 2002, pp. 10-11)

Os textos publicados na primeira coletânea, em 1695, em volume manuscrito e assinado por Pierre Damancour, foram *A Bela Adormecida no Bosque*, *Chapeuzinho Vermelho*, *Barba Azul*, *O Gato de Botas* e *As Fadas*. Posteriormente foram acrescidos mais três contos: *Cinderela*, *Henrique de Topete* e *O Pequeno Polegar* (BUENO-RIBEIRO, 2016). A publicação de 1697, assinada por Charles Perrault, contém, além dos oito textos mencionados: *Pele de Asno*, *Grisélidis* e *Os Desejos Ridículos*. Apesar da diversidade, geralmente o que circula no meio escolar são alguns desses contos, popularizados em versões “pasteurizadas” e submetidas, ao longo do tempo, a um processo de assepsia, retirando deles os temas, conflitos, dramas e questões polêmicas como sexualidade, morte, dentre outras. Tudo isso em nome de torná-los “adequados” ao público infantil. Outros, como o caso de *Pele de Asno* e *Barba Azul*, por exemplo, ou são simplesmente ignorados e excluídos do ambiente escolar, ou são apresentadas versões fragmentadas e “limpas” que pouco se assemelham aos seus originais.

Contra-pondo-nos ao argumento da necessidade de filtrar as obras literárias que podem adentrar o espaço escolar a partir de critérios moralistas, corroboramos a perspectiva de Fanny Abramovich de que

Qualquer assunto pode ser importante, e isso não depende apenas da curiosidade da criança. Depende também do desenvolvimento do mundo, das contradições que a criança vive e encontra à frente, se se envolve com elas ou apenas observa os fatos, e para isso é preciso estar atento e poroso a tudo o que acontece... (há temas datados, que pela própria evolução dos costumes deixaram de ser polêmicos, pois, dum jeito ou de outro, a civilização os integrou... há outros que estão surgindo devagarinho, há outros efervescentes, sobre os quais o momento de falar urge e se impõe). (2006, pp. 99-100)

Portanto, idealizar uma escola refratária aos conflitos humanos (sejam eles sociais, culturais, econômicos e, por que não, sexuais), não é possível. Tampouco é desejável que ao aluno sejam apresentadas obras unicamente com “ finais felizes”, assépticas, limpas de conflitos e dramas. Aparecida Paiva, tomando como referência a obra de Colasanti<sup>4</sup>, discute que:

Apesar da constatação da polêmica, já é consenso, pelo menos entre alguns pesquisadores da área de literatura, que “não existe literatura ‘limpinha’”. Existem livros ‘limpinhos’, sobretudo para crianças. Mas os livros podem não

<sup>4</sup> COLASANTI, Marina. *Fragatas para terras distantes*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

ser, e frequentemente não são, literatura. Literatura é arte. E arte é tensão, conflito, *pathos*” (COLASANTI, 2004, p. 184). O que nos move – aos estudiosos de literatura – é a crença de que a literatura tem a função básica de ajudar o leitor a estabelecer com seu inconsciente um diálogo estruturante; que a literatura “nada mais é, afinal, do que um longo, um interminável discurso sobre a vida, um artifício em que, através das narrativas, os seres humanos elaboram suas paixões, suas angústias, seus medos, e se aproximam do grande enigma do ser” (ibidem, p. 188). (PAIVA, 2010, p. 175)

Assim, o argumento apresentado pelo MEC de que “As crianças no ciclo de alfabetização, por serem leitores em formação e com vivências limitadas, ainda não adquiriram autonomia, maturidade e senso crítico para problematizar determinados temas com alta densidade, como é o caso da história em questão” (BRASIL, 2017), além de não se sustentar em bases teóricas, subestima as potencialidades das crianças e ignora o papel de seus mediadores no âmbito escolar: professores, bibliotecários e outros. Como bem nos lembra Ricardo Azevedo:

Ao que parece, quando surgem os temas da vida concreta, o professor nem sempre sabe como proceder. Na verdade, ninguém sabe e é muito importante que esse “não saber” também seja compartilhado entre adultos e crianças. Ele ajuda a criar uma familiaridade e a identificação fundamental entre os seres humanos. (s/d, p. 7)

Portanto, diante do conflito, não podemos nos furtar a discuti-lo, problematizá-lo, humanizá-lo. Ao contrário, temos que encará-lo como real e, com o apoio da literatura, oportunizar as experiências que a vivência literária pode oferecer ao leitor, visto que os

[...] efeitos do texto literário sobre os leitores é o que desde os gregos antigos se chama de *catarse*. Trata-se de um fenômeno peculiar que hoje se diria de transferência psicológica, isto é, a leitura de uma cena violenta serve para purgar o impulso de violência. Dizendo com outras palavras, todo ser humano possui raiva, medo, angústia, inveja e outros tantos sentimentos tidos como negativos ao lado dos positivos. Ao vê-los representados no texto, o leitor os vivencia vicariamente, ou seja, por empréstimo, e assim também se liberta deles. É porque o leitor vivencia esses sentimentos negativos nos livros, nos filmes, nas telenovelas que não precisa trazê-los para a vida real. (CEALE, 2017, p. 5)

Para evitar conflitos, principalmente com a opinião pública em um momento em que a política nacional está tão fragilizada e nossos representantes estão desacreditados, o Ministério da Educação optou por, ao invés de investir no diálogo e na formação de professores e de mediadores de leitura, recolher 93 mil exemplares do livro *Enquanto o sono não vem*, distribuídos para alunos do primeiro ciclo do Ensino Fundamental de escolas públicas.

É nesse contexto que a escola tenta se omitir de trabalhar o conto popular *A triste história de Eredegalda* (BRANT, 2013). Resumidamente, aqui o apresentamos. Eredegalda, a mais bela entre as três filhas de um rei é a personagem por quem o pai se enamora e lhe propõe: “- Se quiseres casar comigo,/ Serás a minha esposa,/ E tua mãe, nossa criada.” (BRANT, 2013, p.

27). Ao que Eredégaldia recusa prontamente, preferindo a condenação de ficar trancada a ver a própria mãe como sua criada. Assim, o rei condena sua filha à prisão em três torres, podendo apenas comer carne salgada, sem poder beber água. A personagem sofre e, apesar de solicitar a ajuda das duas irmãs e da mãe, não é socorrida por essas mulheres, pois o rei também as puniria:

- Não lhe damos um copo d'água,  
 Pois papai já nos jurou  
 Pela ponta da espada  
 se te dermos um copo d'água.  
 [...]  
 - Não lhe dou um pingão d'água,  
 Pois seu pai vai me matar,  
 Com a ponta da sua espada,  
 Se eu te der um copo d'água. (BRANT, 2013, p. 28)

Do alto da terceira torre, ao avistar seu pai triste em um jardim e pedir-lhe ajuda, ele continua negando, tendo em vista que ela não aceitou ser sua “amada”. A personagem, vencida pela sede, responde: “- Pai, se é a mim que tu queres,/ toma lá minha mão esquerda.” (BRANT, 2013, p. 29). Nesse ponto verificamos mudança na atitude do pai, pois ele decide enviar três pretendentes à Eredégaldia, e o rei não está entre eles, ou seja, cessa a proposta de relação incestuosa.

Vou mandar três cavaleiros,  
 Cada qual com um jarro d'água.  
 Aquele que chegar primeiro  
 Casará com Eredégaldia. (BRANT, 2013, p. 29)

Entretanto, quando os três cavaleiros chegaram, ela já tinha morrido e estava “Acompanhada de quatro anjos/E Jesus perto da porta.”

Como se constata nos trechos aqui apresentados, o texto não se constitui em apologia ao incesto, pelo contrário, condena-o “ao expor o drama e o sacrifício daquela que poderia ter sido sua vítima” (CEALE, 2017, p. 04). Além disso, mostra a situação de subalternidade e violência às quais, ainda hoje, muitas mulheres e crianças são submetidas.

Também não é negando ou escondendo a existência de violência no mundo que se ajuda o leitor a transformá-lo em lugar melhor para se viver. [...] Dessa maneira, ao ler com seus alunos “A triste história de Eredégaldia” ou “Canta, canta, meu surrão” e os demais recontos que compõem o livro em questão, um professor cumpre o papel formador de lhes mostrar o mundo por meio da tradição popular ao mesmo tempo que vazado em uma linguagem acessível ao imaginário infantil. É essa uma das razões da leitura literária na escola. (CEALE, 2017, p. 6)

Ao invés de recolher livros, proibir/coibir leituras, censurar a discussão sobre temas polêmicos e tabus, faz-se necessário e urgente instaurar e fomentar o diálogo pois, como argumenta Regina Zilberman, “A leitura estimula o diálogo, por meio do qual se trocam

resultados e confrontam-se gostos.” (2008, p. 17)

### Considerações finais

A formação do leitor literário, ao qual nos referimos desde o início do presente texto, requer abertura para o diálogo. Trazer obras literárias que tematizam os conflitos e dramas humanos pode possibilitar aos leitores – mesmo que crianças – pensarem sobre suas próprias vidas e experiências e ressignificá-las. Textos como *Pele de Asno* ou *A triste história de Eredegalda* podem suscitar importantes discussões em sala de aula, inclusive permitindo ao leitor encontrar nos agentes escolares abertura para relatar seu cotidiano e relações que experimentam no âmbito particular.

É à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos. (LAJOLO, 2008, p.106)

Para finalizar as reflexões e provocações aqui propostas, reafirmamos que o fato de retirarmos livros sobre violência e incesto das escolas não significa que nossas crianças deixarão de vivenciá-los. Se temos o compromisso com a formação do leitor literário sensível, crítico e proficiente temos que nos preparar para os enfrentamentos que a realidade nos coloca, apoiados pela fruição estética, o diálogo e as trocas de experiências de vida que a literatura infantil pode oferecer.

Em 1973, foi publicado o primeiro volume de *Solo de Clarineta*, escrito por Érico Veríssimo. Passados mais de 40 anos, as reflexões trazidas pelo escritor sobre um determinado período da nossa história mostram-se tão atuais.

Desde que, adulto, comecei a escrever romances, tem-me animado até hoje a ideia de que o menos que um escritor pode fazer, numa época de atrocidades e injustiças como a nossa, é acender a sua lâmpada, trazer luz sobre a realidade de seu mundo, evitando que sobre ele caia a escuridão, propícia aos ladrões, aos assassinos e aos tiranos. Sim, segurar a lâmpada, a despeito da náusea e do horror. Se não tivermos uma lâmpada elétrica, acendamos nosso toco de vela ou, em último caso, risquemos fósforos repetidamente, como um sinal de que não desertamos nosso posto. (VERÍSSIMO, 1973, p. 45)

Como professoras e formadoras de professores acreditamos que também é nossa função acender velas e luzes como simbologia de transformação, sabedoria e, porque não dizer de resistência? Assim, em diálogo com Veríssimo e tantos outros autores que nos interpelam e nos provocam com suas obras, escrevemos este artigo para reafirmar que nós – educadores – somos

responsáveis por mostrar todos os lados de uma história, de formar alunos críticos para que eles também mantenham suas luzes acessas.

## Referências

ABRAMOVICH, F. *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. 5 ed. 12. imp. São Paulo: Scipione, 2006.

AZEVEDO, R. *Aspectos instigantes da literatura infantil e juvenil*. Disponível em: <[www.ricardoazevedo.com.br](http://www.ricardoazevedo.com.br)>. Acesso em: 10 jul. 2017.

BETTELHEIM, B. *A psicanálise dos contos de fadas*. Tradução de Arlene Caetano. 16 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BOJUNGA, L. *A bolsa amarela*. Rio de Janeiro: Agir, 1992.

BRANT, J. M. A triste história de Eredegalda. \_\_\_\_\_. *Enquanto o sono não vem*. Il. Ana Maria Moura. Rio de Janeiro: JPA, 2013. (Quem quiser que conte outra).

BRASIL. Ministério da Educação. *Com base em parecer técnico, MEC recolhe das escolas o livro 'Enquanto o sono não vem'*. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=50011>>. Acesso em: 14 jul. 2017.

BUENO-RIBEIRO, E. Prefácio à edição brasileira. Traduzir Perrault: uma viagem à França do fim do século XVII. In: PERRAULT, Charles. *Contos de Charles Perrault*. São Paulo: Paulinas, 2016.

CÂMARA MUNICIPAL DE LIMEIRA. *Clayton Silva questiona Prefeitura sobre distribuição de livro contendo ideologia de gênero*. Assessoria de imprensa, 08 ago. 2019. Disponível em <<http://limeira.sp.leg.br/printVersion.php?idNoticia=10337>>. Acesso em: 14 jul. 2020.

CEALE. *Nota Técnica sobre o livro "Enquanto o sono não vem"*. Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita CEALE/UFMG. Belo Horizonte, 01 de junho de 2017. Disponível em: <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/files/uploads/Random/Nota%20t%C3%A9cnica%20livro%20Enquanto%20o%20sono%20n%C3%A3o%20vem.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2017.

DINI, A. A história por trás do livro de Ana Maria Machado, que gerou a polêmica do engasgo com a maçã. *Revista Crescer*. 10 set. 2018. Disponível em: <<https://revistacrescer.globo.com/Voce-precisa-saber/noticia/2018/09/historia-por-tras-do-livro-de-ana-maria-machado-que-gerou-polemica-do-engasgo-com-maca.html>>. Acesso em: 03 jul. 2020.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. *A Bolsa Amarela*. Verbete da Enciclopédia. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra68401/a-bolsa-amarela>>. Acesso em: 07 jun. 2020.

GEISLER, L. *Enfim, capivaras*. São Paulo: Seguinte, 2019.

GEISLER, L. *Escritora gaúcha diz que teve participação em Feira do Livro de Nova Hartz cancelada por 'linguajar inadequado'*. [Entrevista concedida a] O Globo, Rio de Janeiro, 13 nov. 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/banida-de-feira-literaria-no-rs-autoralamenta-censura-por-linguajar-inadequado-24079033>>. Acesso em: 14 jul. 2020.

LAJOLO, M. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6 ed. 13 imp. São Paulo: Ática, 2008.

MACHADO, A. M. *O menino que Espiava pra dentro*. 2 ed. São Paulo: Global, 2008.

OLIVEIRA, F. R. *História do ensino da literatura infantil na formação de professores no estado de São Paulo (1947-2003)* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

PAIVA, A. Catálogos de editoras e escolhas docentes no contexto escolar. In: PAIVA, A.; MACIEL, F.; COSSON, R. (coords.). *Literatura: Ensino Fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

PERRAULT, C. *Contos de Charles Perrault*. Il. Gustave Doré. Apresentação, notas e guia de leitura por Annie Collognat-Barè, Dominique Brunet, Frédéric Dronne. Tradução, prefácio e notas de tradução por Eliane Bueno-Ribeiro. São Paulo: Paulinas, 2016.

PUNTEL, L. *Meninos sem pátria*. 23 ed. São Paulo: Ática, 2018.

PUNTEL, L. "Meu livro é sobre a ditadura. Jamais pensei que seria censurado", diz autor de 'Meninos Sem Pátria'. [Entrevista concedida a] Breiller Pires. El País, São Paulo, 05 out. 2018. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/04/cultura/1538677664\\_945391.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/04/cultura/1538677664_945391.html)>. Acesso em: 14 jul. 2020.

VERÍSSIMO, E. *Solo de clarineta: memórias*. Tomo I. Porto Alegre: Globo, 1973.

ZILBERMAN, R. O papel da literatura na escola. *Via Atlântica*, nº 14, dez/2008, pp. 11-22. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376>>. Acesso em: 14 jul. 2017.

Recebido em: 14/07/2020

Aceito em: 25/09/2020